

ELOHIM SE TRANSFORMA NA DIVINDADE SOBERANA GREGA: UMA ANÁLISE DA FORMAÇÃO DA SEPTUAGINTA

Douglas Oliveira dos Santos¹

RESUMO

O Novo Testamento foi influenciado diretamente pela cultura helênica, devido a escrita grega. Nessa perspectiva o novo testamento utiliza termos relacionado ao sagrado a partir da estrutura grega, porém esses termos não foram escolhidos aleatoriamente, pois suas influencias se deram diretamente da Septuaginta. Possibilitando entre o mundo grego a concepção do sagra hebreu em uma sociedade Helênica.

Palavras chave: Septuaginta, sagrado, Deus.

ELOHIM TRANSFORMS IN THE GREEK SOVEREIGN DIVINITY: AN ANALYSIS OF SEPTUAGINTA FORMATION

The New Testament was directly influenced by Hellenic culture, due to Greek writing. In this perspective the new testament uses terms related to the sacred from the Greek structure, however these terms were not chosen at random, because their influences were given directly from the Septuagint. Making possible between the Greek world the conception of the Hebrew sagra in a Hellenic society.

Keywords: Septuagint, sacred, God.

¹ Coordenador do curso de Pós-graduação Lato Sensu em Ciências da Religião.

O cristianismo que ainda é considerado a maior religião do mundo, tem se fundamentado durante todos esses anos em sua coletânea de escritos que se iniciam séculos a. C. e se concluem no primeiro d. C.,. Esses escritos permanecessem entendidos como sagrado até os dias atuais. Desses documentos, os Judeus consideram o Antigo Testamento Hebraico e os Cristãos consideram a Bíblia, que é a coleção hebraica, mais os escritos dos cristãos, conhecido como o Novo Testamento. Os protestantes mantiveram no Antigo Testamento, o cânon judaico e os catolicismos consideraram mais sete livros do Antigo Testamento escrito em grego, conhecidos como “Deuterocanônicos”. Todos esses segmentos religiosos têm suas coleções como “Sagrada” e “Inspirada por Deus”. É claro que cada movimento ou especificidade ou fragmentação religiosa entende sua inspiração a partir de seus fundamentos hermenêuticos. Este assunto foi muito discutido no século XIX, dentre o debate destaca-se Karl Barth, na ideia da “palavra de Deus”, fundamentando-se na ideia de que tudo que emana o logos contém “a palavra de Deus”.

Para os cristãos a coleção hebraica e a coleção grega fazem parte do processo de revelação do Sagrado, a distância de tempo entre um testamento e outro é de aproximadamente 400 anos (TOGNINI, 1956, p.15), teoria defendida pela maioria dos teóricos. No cristianismo se defende que Jesus, o filho de Deus e o próprio Deus, nasceram na “Plenitude dos Tempos”. segundo Earle E. Cairns (2008) em seu livro “O Cristianismo Através dos Séculos”, isso significa que vários fatores históricos contribuem para que o cenário de sua vinda fosse propício para a realização de sua missão. A questão aqui se encontra nesse período de 400 anos, pois segundo Enzo Pace em seu livro “IL Carisma, la fede, la chiesa: Introdurre alla sociologia del cristianesimo” quando Jesus buscou desenvolver sua missão não possuía a intenção de criar uma nova religião, então suas ações ocorreram na língua hebraica e aramaica, no entanto seus relatos foram descritos em gregos.

Como assimilar fundamentos hebreus em uma estrutura Grega? Para que essa estrutura pudesse ser compreensível tanto para judeus como para não judeus, foram utilizados fundamentos já trabalhados na Septuaginta, que é a tradução do Antigo Testamento para a língua grega, essa tradução possibilitou a coerência religiosa e teológica dos relatos do Novo Testamento para com o Antigo Testamento. Buscaremos analisar em que fundamentos a Septuaginta foi escrita e como ela contribuiu para a formação do Novo Testamento.

O CONTEXTO HISTÓRIA DA TRADUÇÃO

Não podemos descrever a construção da Septuaginta sem descrever o contexto de sua origem. Tudo tem início quando um jovem da Macedônia resolve sair em uma campanha de conquista pela Ásia, que posteriormente estendeu seu domínio tanto na Europa como ao norte da África. Alexandre teve várias influências dentro desse processo de conquista, dentre estas a História do povo grego, marcada pela disputa entre Esparta e Atenas. Esparta com sua característica militar, onde controlava os povos através da força e crueldade, já Atenas estabelecida por seu desenvolvimento cultural e intelectual, estabelecendo seus domínios através da diplomacia política e sua influência cultural. Em suas ações Alexandre conquistava os territórios de maneira espartana, na sequência dominava de maneira ateniense, visto que seu grande mestre foi Aristóteles, discípulo de Platão que era ateniense. Os

pensamentos sobre Alexandre se diferem exatamente na dificuldade de inseri-lo em uma estrutura de dominação.

Pode-se afirmar ter sido sobretudo nas escolas filosóficas que essa imagem idealizada de Alexandre tenha sido pela primeira vez contestada, particularmente pelos peripatéticos e pelos estoicos. A partir daí, haverá na tradição concernente a Alexandre duas correntes opostas, que reaparecerão ao longo dos séculos: de um lado, a imagem de um conquistador magnífico, do rei filósofo, sonhando com a fusão das raças e com uma civilização universal; de outro, a de um personagem brutal, violento, incapaz de se dominar, beberrão sem escrúpulo. (MOSSÉ, 2004, p. 180)

Após o dominar os territórios, Alexandre passa implantar a cultura grega diante dos povos dominados, essa estratégia foi conhecida como helenismo. Toynbee (1969, p.18) faz uma descrição ampla da palavra e do sentido do helenismo, ele declara que as palavras “Grécia” e “grego” apesar de serem mais conhecidas, não são as mais adequadas para descrever esse movimento, as palavras “helenismo”, “helênicos”, “helenos”, “Hélade”, apresentam duas vantagens, primeiro é que a palavra “Helenos” significa “habitantes da Hélade”, “parece ter sido originariamente o nome da região sobre o golfo Malíco, na fronteira entre a Grécia Central e a do Norte, e onde ficava o santuário da terra e de Apolo, em Delfos, e o templo de Artemis em Antela, próximo das Termópolis” (TOYNBEE, 1969, p.18), região central da Grécia que dava uma ideia de totalidade, visto que Alexandre era da Macedônia região norte, porém quando se fala de “Gregos” muitos ligavam à península Balcânica, neste caso “Hélade” representava bem as duas regiões. A segunda foi utilizada de maneira mais ampla como “ ‘membros da sociedade helênica’ pela sua utilização como denominação conjunta dos diversos povos, os anfitriões (‘vizinhos’) que administravam o templo em Delfos e nas Termópolis e organizavam os jogos pítioa, ligados a tais santuários” (TOYNBEE, 1969, p.18). A palavra não designava apenas os que haviam nascido na Grécia, mais aqueles que conviviam com os gregos.

Com o desenvolvimento do helenismo, todos os povos dominados por Alexandre, passaram a apreender a cultura grega e naturalmente a sua língua, com os judeus não foi diferente.

Alexandre seguramente fizera algo pelos judeus que se revelou irreversível. Colocou a maioria deles num mundo de fala grega, em vez de um de fala aramaica. Após a sua morte, por mais de vinte anos a Palestina foi um ponto de discórdia. Ptolomeu, um dos rivais pela sucessão, ocupou Jerusalém por volta de 320 – talvez tirando partido do sábado [...]. De 301 a 198, os Ptolomeus dominaram a Palestina. Governantes, soldados e comerciantes Greco-macedônios passaram a viver na palestina por direito de conquista. Filósofos e Historiadores examinaram Jerusalém e, de modo geral, ficaram satisfeitos. O judaísmo se tornou subitamente conhecido – e respeitável. (MOMIGLIANO, 1975, p.78)

Os escritos e cultura judaica acabaram chamando atenção dos gregos, os judeus lutavam para manter seu padrão cultural, em uma sociedade aculturadora. Depois da morte de Alexandre seu reino foi dividido em quatro, Ptolomeu ficou com Egito, capital em Alexandria, Palestina e parte da Síria; Casandro dominava Macedônia e Grécia; Lisímaco uma grande parte do Ásia Menor; e Seleuco parte da

Ásia Menor, parte da Síria e a Mesopotâmia, “a Palestina foi incorporada ao reino dos Ptolomeus, os soberanos macedônicos do Egito. As repetidas tentativas dos reis selêucidas de conquistar o sul da síria só tiveram sucesso com Antíoco III” (223-187 a.C.; ver § 1.4d). (KOESTER, 2005, p.212). A dinastia Antioca, seguia os velhos padrões espartanos, influenciados pelas conquistas de Alexandre, a partir desse processo de dominação surgiu, a épica batalha dos Macabeus, porém foi com Ptolomeu II Filadelfo (285-246), que buscou estabelecer uma estratégia Atenense, também influenciada pelas ações de Alexandre. Ptolomeu II cria a biblioteca de Alexandria.

Segundo Bright (1978, p.493) o império Alexandrino começou a se desintegrar e os Selêucidas e os Ptolomeus começaram a disputar a palestina, sabendo que aquele seria um local estratégico tanto para o comércio como para a conquistas de ambas as partes.

Nem os Ptolomeus nem os Selêucidas interferiram nas atividades culturais e religiosas internas do povo que vivia na Palestina. No entanto, o processo de helenização, que começou no início do período helenístico influenciaram o país e finalmente a própria cidade de Jerusalém. As cidades foram os principais agentes de helenização. (KOESTER, 2005, p.213)

Ptolomeu buscou métodos estratégicos para legitimar sua dominação e autenticar-se no controle sobre o Egito e parte da palestina, “A Judeia encontrava-se no meio destes interesses egípcios, como um enclave santo e era administrada com relativa independência. [...]. Os sumos sacerdotes deviam, apenas pelo povo e pela terra, pagar um imposto à coroa” (REICKE, 1996, p.65), para fortalecer seu poder sobre os judeus Ptolomeu resolveu se aproveitar das estruturas já pré estabelecidas pelo governo de Alexandre, se utilizando da cultura e da língua, o segundo passo era transformar Alexandria, que ainda perdurou com o nome de seu grande imperador, como a capital dos povos dominados, para isso Ptolomeu buscou transforma-la em um grande centro cultural. Vrettos (2005, p.57) descreve que Ptolomeu se aproveitou do “Mousêion” que era um santuário das musas, que era a deusa da literatura e das artes, esse templo era utilizado desde o Império Egípcio, era uma local cheio de salas, bibliotecas, laboratórios e jardins botânicos “O Mousêion oficialmente inaugurado por volta de 300 a. C., e o sucessor de Sóter, Ptolomeu Filadelfo, convidou os homens mais sábios de todas as áreas para virem lecionar em Alexandria.”(VRETTOS, 2005, p.57), ali foram concentrados uma grande quantidades de rolos e também uma grande quantidade de intelectuais da época.

Tognini (1956, p.74) descreve as ações de Ptolomeu II ou Filadelfo era um rei “bondoso” aos olhos dos judeus, pois ele era considerado um imperador que não era um guerreiro, de temperamento tranquilo e dado a literatura, no entanto havia um clima tenso entre Ptolomeu e Antíoco, pelo modelo político de Ptolomeu muitos judeus migraram para o Egito onde Ptolomeu pode ter contato com a literatura hebraica. É nesse contexto que ele solicita a tradução do Texto hebraico para o grego.

Mediante as ações de Ptolomeu, as narrativas históricas acabam defendendo suas ações em detrimento das ações de Antíoco, porém povos dominados sempre serão povos dominados, o processo de domínio e de violência não se dá apenas pela agressão do corpo, mas também quando se destrói a cultura e os valores do outro em detrimento de uma imposição do poder. Toynbee (1969, p.34) em sua obra faz uma classificação das divisões sociais da época, em sua análise a base era composta

pelos indígenas (nativos), que eram tolerados, apesar de se infiltrarem eram privados de direito; na sequencia vinham os “alexandrinus” ou “helenos”, que se identificavam como grego pela língua, trajes, mas eram estrangeiros, conhecidos como “gregos pobres”, apesar de não terem recurso eram orgulhosos; depois vinham os mestiços ou egípcios puros, mais ou menos helenizados, que conseguiram se elevar socialmente; por fim os “cidadãos”, que eram gregos ou macedônicos e descendentes dos primeiros habitantes gregos, eles eram a elite da população.

Os judeus se enquadravam nas primeiras classes e estavam violentamente sendo sucumbidos pela cultura grega visto que as cidades passaram a ter uma composição diferente.

Uma parte dos habitantes das cidades era constituída por macedônicos e gregos, mas predominavam semitas helenizados: sírios, fenícios, árabes, e naturalmente também israelitas. A consequência foi a importação de elementos culturais gregos ou orientais helenizados, de um novo estilo de vida e de cultos estrangeiros. Os deuses cultuados nessas cidades eram divindades orientais com nomes gregos (p. ex., Astarte como Afrodite em Ascalon) ou deuses gregos, como Dionísio em Citópolis, cujas moedas trazem o nome Nisa, berço mitológico de Dioniso, como nome oficial da cidade. (KOESTER, 2005, p.213)

Todas estas conjecturas políticas e sociais acabaram montando o cenário para uma releitura do Antigo Testamento, primeiro pelo fato de que os judeus por mais que buscassem manter sua identidade estavam sendo sufocados pelo helenismo.

Pensamentos e Religião em um Mundo Helenizado

Ao observarmos o contexto histórico e o cenário em que se construiu a Septuaginta, percebemos que os judeus acabaram recebendo influências diretas da cultura, bem como das pressões religiosas do período. A religião não era o único fator de grande influência na nova forma de pensar judaica, sabemos que a grande contribuição para o ocidente foi a filosofia grega. Não podemos ignorar o fato de que a Septuaginta tenha sofrido claramente impactos diretos na sua tradução, com certeza estes impactos tanto na tradução como cultural influenciaram diretamente na construção do novo Testamento.

A religião grega sempre foi caracterizada pelos seus monumentos e sua mitologia, e pouco se observaram sua estrutura, que se configura de maneira extremamente diferente das religiões padrões.

Essa tradição Religiosa não é uniforme nem estritamente determinada; não tem nenhum caráter dogmático. Sem casta sacerdotal, sem clero especializado no qual a verdade estivesse definitivamente depositada num texto. Ela não implica nenhum credo que imponha aos fiéis um conjunto coerente de crenças relativas ao além. (VERNANT, 2006, p. 13)

Segundo Croatto (2001) em seu livro “As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião”, a religião é fundamentada em quatro estruturas, sendo elas o símbolo, mito, rito e doutrina, o que nós percebemos é que símbolo, mito e rito são mantidos na religião grega, mais a doutrina era fluida pela ausência de um livro sagrado, na estrutura grega quem relatava sobre os deuses eram

os poetas, “ ... é pela voz dos poetas que o mundo dos deuses, em sua distância e sua estranheza, é apresentados aos humanos, em narrativas que põem em cena as potências do além revestindo-as de uma forma familiar, acessível à inteligência” (VERNANT, 2006, p. 14). Eliade (1992) em seu livro “O sagrado e o profano” faz uma descrição do carismático, que era o personagem que teve o contato direto com o Sagrado, a partir dele surge a ideia de “mito fundante”, que é a narrativa que origina a religião, entre os gregos percebemos a riqueza de mitos, mas não encontramos o mito fundante.

Quando o judaísmo recebe o convite para traduzir o “Antigo Testamento”, Ptolomeu II entendia aquela obra como literária, da mesma forma os judeus buscam enquadrá-la nos padrões helênicos. Na religião grega apesar do politeísmo, eles deslumbravam de uma essência do Sagrado.

Por trás da divindade das religiões, assim como para além da pluralidade dos deuses do politeísmo, postula-se um elemento comum que Forné formaria o núcleo primitivo e universal de toda experiência religiosa. Ele não pode ser encontrado, é claro, nas construções sempre múltiplas e variáveis que o espírito elaborou para tentar imaginar do divino; então, é situado fora da inteligência, no sentimento de terror sagrado que o homem experimenta cada vez que lhe é imposta, em sua irrecusável estranheza, a evidência do sobrenatural. Os gregos têm uma palavra para designar essa reação afetiva, imediata e irracional, ante a presença do sagrado: *thámbos*, o termo reverencial. Essa será a base sobre a qual se apoiariam os cultos mais antigos, as diversas formas assumidas pelo rito para corresponder, a partir da mensagem origem, à pluralidade das circunstâncias e das necessidades humanas. (VERNANT, 2006, p. 22)

A palavra “*thámbos*” (**θάμβος**), significa “assombro, temor” (GINGRICH, 1984, p.96), que representava a sensação que os gregos possuíam por essa essência divina. É importante lembrar que dentro da estrutura de pensamento grego há algumas palavras importantes, que influenciam os seus padrões religiosos. Em princípio buscaremos designar as partes fragmentadas, sendo fundamental entender o significado de sua pré-formação. No grego existem duas palavras que significa “conhecimento” a primeira é “ginôsko” (**γινώσκω**), “saber, conhecer, vir a conhecer, estar impressionado, compreender, entender, descobrir, ter a lei na ponta da língua” (GINGRICH, 1984, p.47) o “conhecer” aqui está no sentido de revelar, perceber de forma concreta; já a palavra “logos” (**λόγος**), “Conhecimento, razão, motivo, fala, o que se diz” (GINGRICH, 1984, p.127), já aqui a palavra significa, o motivo ou a razão que origina. Partindo dos dois sentidos “teogonias” Significa o conhecimento de “Theos” (**θεός**), “Deus”, palavra que trabalharemos posteriormente, porém significa “o conhecimento de Deus” em seu estado concreto, mas a grande questão grega não era o conhecimento de Deus mas o conhecimento do mundo “kosmos” (**κόσμος**), “mundo, universo” (GINGRICH, 1984, p.120), aqui a palavra estabelece como mundo tanto no âmbito das ideias como no concreto, nesse caso a “cosmogonia”, era o conhecimento do mundo em sua manifestação concreta ou perceptível; já a “cosmologia” significa o conhecimento do mundo em suas origens, essência, em sua totalidade, “As teogonias e as cosmogonias gregas comportam, como as cosmologias que lhes sucederam, relatos de gênese que expõe a emergência progressiva de um

mundo ordenado. (VERNANT, 2003, p. 115), os gregos buscaram em todo tempo compreender sua essência e seu estado concreto.

Os judeus se caracterizaram de uma estrutura diferente, “Para começar, a polêmica profética contra a “idolatria” formava em muitos judeus a convicção de que a sua adoração monoteísta era amplamente superior ao politeísmo e sincretismo que os rodeavam.” (MEEKS, 1992, p. 49), no entanto se aproveitara da visão de kosmos que os gregos estabeleceram.

Como citamos anteriormente a filosofia grega é um dos fatores primordiais da cultura ocidental, se observarmos o Novo Testamento, perceberemos que ele está cheio de características da cultura grega. Já sabemos que Alexandre o Grande foi discípulo de Aristóteles, que foi discípulo de Platão que foi discípulo de Sócrates, estes três filósofos são os principais filósofos gregos, que a partir dos fundamentos de sua filosofia, permearam e permeiam todo o pensamento sobre a ciência ocidental.

Sócrates foi um filósofo fenomenal que conceitua a ideia de filosofia através das perguntas, a essência do saber não consiste na quantidade de informações que adquirimos, mas na capacidade de nossa investigação, Sócrates também estabelece uma ideia de pensamento conhecido como “pensamento sensível”, o princípio do conhecer se concentra nos cinco sentidos. Sócrates rompe claramente com os padrões de sua época, deixando de justificar a realidade em fatores místicos.

O fato mais importante fora o conflito moral entre Sócrates e Atenas. Sócrates foi o primeiro mártir helênico. Em nome de um deus mais poderoso, desafiou, por uma questão de princípios, a cidade-estado, também que se dizia ser “a escola da Hélade” e que na verdade era a menos digna de idolatrização. Esse desafio foi impressionante, porque Sócrates não era Arquíloco, Sócrates não buscava salvar a vida, pelo contrário, insistia em perdê-la. E ao forçar Atenas escolher entre respeitar sua consciência ou tira-lhe a vida, (TOYNBEE, 1969, p. 120)

Após morte de Sócrates, Platão seu discípulo introduz um novo padrão filosofia, a ideia do “conhecimento conceptual”. Apesar do “mito da caverna” referenciar Sócrates, Platão destaca que o individuo não vive na realidade, tudo que vimos e observamos é de fato a sombra da realidade. Platão rompe com as estruturas democráticas de seu tempo, “Ao voltar-se contra a democracia, Platão não vislumbrou qualquer forma de vida política superior a Cidade-Estado. Substituí-la apenas o ideal político ateniense por uma “ascendência” visionária dos filósofos” (TOYNBEE, 1969, p.121), o mundo grego começava passar por uma reviravolta estrutural, onde a sua convivência com sua religião, interlaça com sua filosofia.

Aristóteles dentro do processo de helenização foi um dos filósofos mais importante, “A filosofia aristotélica era um instrumento intelectual tão poderoso e marcante que sobreviveu à disposição da sociedade helênica e se impôs ao mundo islâmico e à cristandade ocidental.” (TOYNBEE, 1969, p.122), isso se deu primeiro por influenciar diretamente Alexandre e por sua filosofia abranger um contexto mais “universal”, as ideias de Aristóteles se fundem em parte com as ideias de Sócrates e Platão, com o conceito de “Ato e Potência”, todas as coisas são atos, mas são em potência outra coisa.

Observando a religião e a filosofia grega, a Septuaginta vai gerar uma reviravolta no judaísmo, onde seus padrões de tradução seguirão estruturas diretas dos elementos helênicos, na construção de uma divindade que não submeterá ao panteão grego.

Septuaginta na Criação de uma Divindade Hebraica para uma Divindade Grega

Já entendemos em que cenário e circunstâncias histórica, religiosa e filosófica a Septuaginta foi escrita e se estabeleceu. A palavra Septuaginta tem origem no latim, que significa a palavra “setenta”, este nome foi dado a partir das narrativas míticas da origem da tradução. Segundo Tognini (1956, p.74), existem duas narrativas míticas, sendo a primeira descrita nos relatos de Josefo (Carta de Aristéias), dizendo que Filadelfo tinha uma biblioteca em Alexandria e queria colocar todos os livros do mundo nela, ele desejava ler o Antigo Testamento, então mandou pedir o Sumo sacerdote Eliazar que trouxesse seis homens de cada tribo, dentre as 12 tribo de Israel foram reunidos 72 sábios, estes foram para Alexandria e fizeram a tradução em 72 dias. A segunda narrativa mítica proveniente de uma tradição que diz que 70 sábios judeus fizeram a tradução em Alexandria, cada um separadamente, depois de 70 dias foram comparar as traduções e nela não houve discordância em nenhum ponto.

Quando observamos os contextos anteriores percebemos que seria impossível tal acontecimento se realizar, “Na verdade, porém, a Carta de Aristéias é o trecho de uma apologética judaica da época tardia dos Ptolomeus e se destina a elevar o conceito LXX.” (SELLIN; FOHRER, 2007, p.720), a princípio as narrativas relatam somente o Pentateuco, posteriormente agregaram todo o Antigo Testamento nas narrativas míticas, o que seria improvável, Koester (2005, p.250) afirma que a primeira tradução se deu apenas do Pentateuco, posteriormente foram sendo traduzidos os outros livros, a tradução do Pentateuco não só influenciou os padrões da tradução do restante do Antigo Testamento, como inspirou os sete livros deuterocanônicos, que foram escritos originalmente em grego e seguiram a mesma estrutura do Pentateuco, “a tradução da maior parte dos demais livros, no séc. I a.C. Qualquer que seja o caso, a LXX é, em seu conjunto, uma coleção de traduções dos livros do AT, surgidas na diáspora egípcia e refletindo o espírito do judaísmo helenístico.” (SELLIN; FOHRER, 2007, p.721), sem sombra de dúvida a Septuaginta foi um processo pensado, organizado e longo.

A mesma Bíblia Hebraica foi traduzida para o grego, no século III a. C., quando sofreu acréscimo de outros textos de tradição helênica, mais precisamente de Tobias, Baruc, Judit, 1 e 2 Macabeus, Eclesiástico, Sabedoria e outros pequenos trechos. Constituiu-se então um novo cânon. Na época da reforma Protestante, essa diferença foi fundamental, ficando a Reforma com o cânon hebraico e a Contra-Reforma com o cânon helenista. (SILVA, 2008, p. 88)

O judaísmo dentro do contexto de Ptolomeu passa a ter credibilidade “Teofrasto se refere aos judeus como filósofos que aquela altura tinham descartado o sacrifício humano e executavam os holocaustos enquanto jejuavam e falavam incessantemente sobre Deus.” (MOMIGLIANO, 1975, p.80), de fato a Septuaginta, demonstra claramente a habilidade filosófica judaica na construção de seus ideais. Para compreendermos melhor a construção partiremos para comparação dos textos hebraicos e gregos, escolhemos Deuterônimo 6. 4, que fez parte da primeira fase da tradução, antes de expormos, os textos colocaremos os textos em seu originais e imediatamente percebemos de forma visível a disparidade estrutural de um texto para o outro.

Deteroômio 6.4 Septuaginta	Deteroômio 6.4 Hebraico
καὶ ταῦτα τὰ δικαιώματα καὶ τὰ κρίματα ὅσα ἐνετείλατο κύριος τοῖς υἱοῖς Ἰσραὴλ ἐν τῇ ἐρήμῳ ἐξεληθόντων αὐτῶν ἐκ γῆς Αἰγύπτου ἀκούε Ἰσραὴλ κύριος ὁ θεὸς ἡμῶν κύριος εἷς ἐστίν	שְׁמַע יִשְׂרָאֵל יְהוָה אֱלֹהֵינוּ יְהוָה אֶחָד:

É perceptível que na Septuaginta houve um acréscimo, colocamos abaixo a tradução dos textos acima, buscamos manter a forma mais literal possível, para que possamos compreender as estruturas e destacamos em negrito apenas a parte que se encontra no manuscrito hebraico.

Deteroômio 6.4 Septuaginta	Deteroômio 6.4 Hebraico
E este mandamento e Juízo tão grande completou o Senhor aos descendentes de Israel, com os abandonados daqueles que sofreram perseguição na terra do Egito, ouve Israel Senhor Deus nosso Senhor um ele é.	Ouve Israel lahweh (é o)Nosso Elohim (que é) lahweh (eles são) um

Quando comparamos as traduções percebemos que o acréscimo, faz uma menção aos “dependentes de Israel” e “Aqueles que sofrem perseguição”, percebemos que a mensagem descrita aqui faz referência aos judeus que migraram para o Egito, o acréscimo faz uma menção ao período da tradução, comprovando o contexto histórico, porém o mais intrigante é como foram traduzidos os nomes de das divindades hebraicas “lahweh” (יהוה) e “Elohim” (אלהים), se na Septuaginta os judeus tivessem transliterado os nomes de sua divindade para o grego, automaticamente suas divindades teriam sido agregado ao panteão grego, conseqüentemente seriam divindades fracas perante toda estrutura grega. Os judeus em sua tradução compreendem que a estrutura religiosa grega não se dava apenas em uma estrutura politeísta.

Analogamente, por trás da variedade dos nomes, das imagens, das funções próprias de cada divindade, supõe-se que o rito aciona a mesma experiência do “divino” em geral, como potência supra-humana (*to kreítton*). Esse divino indeterminado, em grego *to theiôn ou tò daimónion*, subjacente aos deuses específicos, versifica-se em função do desejo ou dos temores aos quais o culto deve responder. (VERNANT, 2006, p. 22)

Pela primeira vez diante dos judeus se utiliza o termo “Theos” (θεός), que significa “Deus, deus de um termo geralmente usado no mundo antigo para seres que têm poder ou conferem benefícios que estão além da capacidade humana” (GINGRICH, 1984, p.97), o nome “Deus” é derivado do nome “Zeus” (Ζεύς) o chefe do panteão grego, uma espécie dos deus dos deuses, o termo “Theos” configurava uma essência. No processo da tradução os judeus se aproveitando de todo contexto religioso, filosófico e cultural helênico, resolvem inserir sua divindade na cultura grega e fazem as seguintes relações, em primeiro lugar eles resolvem substituir o nome de “Elohim” (אלהים) por “Theos” (θεός), o que nos chama a atenção é que a escola Deuteronomista havia buscado uma solução para unificar suas divindades, porém

aqui na Septuaginta isso não poderia ser interpretado. Como ela buscou traduzir, sem que gerasse uma ideia politeísta? Na resolução desse problema resolveram traduzis “lahweh” (יהוה) por “Kurios” (κύριος), que quer se traduz como “Senhor”. A questão que no hebraico a palavra correspondente a “Senhor” é “Adonai” (אֲדֹנָי), quando os judeus Traduzem Elohim como Theos e lahweh como Senhor, eles transmitem que sua divindade é a essência soberana da Grécia e lahweh acaba se tornando um adjetivo de Deus, fazendo aparecer a possibilidade de um monoteísmo dentro da cultura grega.

A Septuaginta se faz fundamental, para que os textos do Novo Testamento pudessem trabalhar tranquilamente com a ideia monoteísta e com a concepção de Deus. A Septuaginta acaba se tornando um texto fundamental para o desenvolvimento do cristianismo, fazendo a ponte do Novo Testamento grego para o antigo Testamento em hebraico.

O valor dos textos da LXX sob o ponto de vista da crítica é muito variável. Abstraindo-se das características históricas internas e dos erros textuais, que são comuns a todos os livros, a tradução que provém, não resta dúvida, de muitas mãos e de épocas diferentes, não apresenta igual valor em todas as suas partes, mas vai baixando à proporção que se afasta do Pentateuco. (SELLIN; FOHRER, 2007, p.724)

Com certeza os mistérios da Septuaginta nunca poderão ser decifrados, mas sua elaboração deixa evidência de um projeto, fantástico na luta contra uma processo de aculturação, se reinventando em um mundo extremamente contraditório a suas crenças, buscando preservar suas essências culturais e religiosas, como uma forma de resistências ao processo de dominação.

REFERÊNCIAS

- BRIGHT, John. *História de Israel*. 6. ed. São Paulo; Paulus, 1978.
- CAIRNS, Earle E.. *O cristianismo através dos séculos: Uma história da igreja cristã*. São Paulo: Vida Nova, 2008.
- CROATTO, José Severino. *As linguagens da experiência religiosa: uma introdução à fenomenologia da religião*. Tradução de Carlos Maria Vasquez Gutiérrez. São Paulo: Paulinas, 2001.
- ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 1992.
- GINGRICH, F. Wilbur. *Léxico do Novo Testamento: Grego/Portugues*. São Paulo: Vida Nova, 1984.
- KOESTER, Helmut. *Introdução ao Novo Testamento*, volume 1: história, cultura e religião do período helenístico. São Paulo: Paulus, 2005.
- MEEKS, W.A.. *Os primeiros cristãos urbanos: o mundo social do apóstolo Paulo*. São Paulo: Paulinas, 1992.
- MOMIGLIANO, Arnaldo. *Os Limites da Helenização: A intenção cultural das civilizações grega, romana, céltica, judaica e persa*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1975.
- MOSSÉ, Claude. *Alexandre o Grande*. São Paulo: Estação Liberdade, 2004.
- PACE, Enzo. *IL Carisma, la fede, la chiesa: Introduzine alla sociologia Del cristianesimo*. Roma: Carocci/ Frecce, 2012.
- PETIT, Paul. *A civilização Helenística*. São Paulo: Martins Fontes, 1987.

- REICKE, Bo Ivar. *História do Tempo do Novo Testamento: O mundo bíblico de 500 a.C. até 100d.C.* São Paulo: Paulus, 1996.
- SELLIN, Ernest; FOHRER, G. *Introdução ao Antigo Testamento.* São Paulo: Paulinas, 1977. v.1-2.
- SILVA, Valmor da. *Bíblia e Livros Sagrados.* In. Silva, Valmor da (Org.). *Ensino Religioso: educação centrada na vida.* 2^o ed. São Paulo: Paulus, 2008.
- TOGNINI, Enéas. *O Período Interbíblico. Da Babilônia a Belém.* 2. ed. São Paulo: Imprensa Batista, 1956.
- TOYNBEE, Arnold J. *Helenismo: História de uma civilização.* Rio de Janeiro: Zahar, 1969.
- VERNANT, Jean-Perre. *As Origens do Pensamento Grego.* Rio de Janeiro: Difel, 2003.
- VERNANT, Jean-Pierre. *Mitologia e Religião na Grécia Antiga.* São Paulo: WMF Martins Fontes, 2006.
- VRETTOS, Theodore. *Alexandria: cidade do pensamento Ocidental.* São Paulo: Odysseus Editora, 2005.